



## GT 040. Fronteiras, saúde, gênero e sexualidade: conexões, deslocamentos e alteridades corporais, espaciais, temporais

Guilherme Rodrigues Passamani (UFMS) - Coordenador/a, José Miguel Nieto Olivar (Faculdade de Saúde Pública USP) - Coordenador/a

O GT visa aglutinar pesquisas que reflitam sobre fronteira, saúde, gênero e sexualidade a partir de contextos espaciais, temporais ou corporais imaginados como marginais, fronteiriços ou minoritários, ou que remetam a problematizações, conexões laterais ou transformações acerca de centros ou arranjos majoritários. Nesse marco relacional, interessa pensar as experiências de sujeitos e grupos sociais a partir da intersecção com outras categorias de diferenciação: etnia, região/procedência, geração, classe, escolarização, orientação sexual, religião, raça/cor. Estamos atentos, também, a questões como trânsitos, deslocamentos, circulação, fluxos migratórios e processos de (des/re)territorialização e fronteirização, relacionados com agenciamentos de saúde, de gênero e sexualidade. Além de pesquisas sobre "mobilidades", são bem-vindas pesquisas que abarquem a construção social do desejo, do cuidado, do adoecimento e do gênero em outros geográficos, entre-cidades, zonas e contextos rurais, priorizando aqueles lugares que estão atravessados pela sua nomeação como fronteiras, margens ou periferias. O GT tem o intuito de melhor compreender as multiplicidades de formas e sentidos da saúde (processos de adoecimento, cuidado e morte), do gênero e da sexualidade, em articulação com processos territoriais "menores".

### **Envelhecimento, adoecimento e cuidado nos territórios militarizados do Rio de Janeiro**

**Autoria:** Camila Pierobon Moreira Robottom

As dinâmicas do cuidado que envolvem idosos, doentes mentais e cuidadores têm sido invisibilizadas nas pesquisas das áreas de humanidades e biomédicas (Woodward 2012; Kleinman 2015). A invisibilidade se agrava quando consideramos a vida diária de doentes e cuidadores em contextos de guerras, de deslocamentos forçados, de epidemias e/ou de extrema pobreza (Kleinman et al. 2016). Neste texto eu vou apresentar os resultados de minha etnografia em habitações populares na cidade do Rio de Janeiro, situadas em um território controlado por grupos de tráfico de drogas. Destacarei como uma mulher - moradora de um território militarizado vive o cotidiano ordinário em meio a combates armados, riscos e ameaças intermitentes sobre os habitantes - desenvolveu práticas e éticas do cuidado? (Laugier 2015) como responsável pela sua mãe, idosa e portadora de alzheimer avançado. A análise da ética do cuidado colocada em prática por Leonor será desenvolvida na sua relação com a baixa renda familiar, a precariedade da casa e dos serviços de infraestrutura. Assim, num primeiro grupo de questões, eu quero apresentar o que significa cuidar de uma pessoa idosa e portadora da doença de alzheimer em situações de pobreza e em territórios militarizados. Num segundo grupo de questões, eu pretendo problematizar a temporalidade através do envelhecimento e da duração da doença de alzheimer no corpo e na mente de Dona Ana, a partir dos efeitos produzidos na subjetividade e no corpo de Leonor. Para trazer essas questões, eu pretendo mostrar como as doenças mentais foram absorvidas na vida diária, como passaram a fazer parte do cotidiano e se combinaram com outras doenças e com os enfraquecimentos corporais crescentes como cataratas, câncer e pneumonia, no caso de Dona Anna, e com o prolapso genital e o glaucoma presentes no corpo de Leonor. Eu pretendo trabalhar como operou o adoecimento do cuidador e como se hierarquizaram os cuidados e os corpos. Para esta discussão, eu pretendo trazer os conflitos familiares e as desigualdades de gênero que colocaram Leonor como a única responsável pelo cuidado com a mãe. As questões que levantei acima serão trabalhadas de forma entrelaçadas e nos ajudarão a entender como se coadunam na vida diária doença mental, cuidado, pobreza, gênero, família, corpos e subjetividades em uma metrópole como o Rio de Janeiro.

## DIREITOS HUMANOS E ANTROPOLOGIA EM AÇÃO



31ª RBA - Reunião Brasileira de Antropologia  
9 a 12 de dezembro de 2018

Brasília - DF [www.portal.abant.org.br/evento/rba/31RBA](http://www.portal.abant.org.br/evento/rba/31RBA)

ISBN: 978-85-87942-61-6



## Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

**Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA**  
**Diretoria da ABA 2017/2018**  
**Comissão Organizadora da 31ª RBA**

**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

